

## LITERATURA AMAZÔNICA: TRAMAS, COMPLEXIDADES E REPRESENTATIVIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-036>

Data de submissão: 03/09/2024

Data de publicação: 03/10/2024

**Sebastião Gonçalves Dias**

Doutorando em Letras na Universidade Federal de Santa Maria, RS

E-mail: diascel09@gmail.com

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fomentar uma discussão acerca da literatura produzida na e sobre a Amazônia, discutindo elementos peculiares da maior região tropical do planeta, assim como, a diversidade e a pluralidade cultural caracterizada pelo hibridismo identitário que faz da região uma das mais diversas do planeta. O desafio de discutir a diversidade, a alteridade e as diferenças culturais na literatura amazônica, requer, portanto, uma abordagem com teóricos que sugerem esse desafio, como: Homi K. Bhabha (2010), Antoine Compagnon (2007), Marjorie Perloff (2013) Franz Fanon (2008), Walter Benjamim (1994), Antônio Candido (1995), entre outros que propõe o desafio de pensar à diferença e a diversidade cultural. Tratar da literatura dentro uma perspectiva Pós-colonialista na Amazônia, vai muito além de discutir tempo e espaço. Questões de territorialização, fronteiras e discursos híbridos são caminhos que apontam para um novo olhar na região de maior diversidade nas américas. Rios, povos, culturas e florestas compõem o cenário do imaginário amazônico, que ao longo de sua colonização fora elaborado cuidadosamente sob a ótica e os interesses do colonizador europeu. Analisar a literatura amazônica com um olhar de descolonização em narrativas que demonstram a realidade vivenciada por aqueles que ocupam o espaço amazônico tornou-se emergente e de suma relevância para a literatura produzida na região.

**Palavras-chave:** Diversidade cultural, Diferença, Literatura amazônica, Amazônia.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da literatura amazônica tem ganhando destaque nas últimas décadas, se tornado objeto de estudo dos mais diversos pesquisadores de diferentes áreas em inúmeras instituições de pesquisas, nacionais e internacionais. Em harmonia com os Estudos Culturais, as teorias Pós-coloniais, assim como os Estudos comparados, a literatura da Amazônia ou literatura amazônica, tem ganhado proeminência no cenário nacional, e também, na crítica internacional, discutindo o papel da maior floresta tropical do mundo na tessitura da narrativa ficcional, narrativa histórica e até mesmo na narrativa psicológica bem como, na literatura de modo em geral.

Por um olhar mais apurado, percebemos que a prosa ficcional se destaca, buscado de maneira eficiente, aportar em seu enredo aspectos do espaço amazônico, com todas suas nuances, diversidade, disparidades e geografia extremamente imponente e conflituosa. Autores como Dalcídio Jurandir, Benedito Nunes, Inglês de Souza, Eneida de Moraes, Milton Hatoum, Haroldo Maranhão, Marcio Souza e ainda, alguns outros, apresenta-se como destaques, com obras de relevância no cenário regional e nacional.

Tanto para a crítica nacional, quanto externa, a Amazônia deixa, aos poucos, de ser vista apenas pelo olhar de deslumbramento, de estranhamento. Aquela que provoca as visões mais controversas, descritos nos relatos de viagem, nas crônicas de viajantes e nas narrativas fantásticas. Um lugar de culturas plurais e geografia inóspita, como destacou o escritor e jornalista Pré-Modernista, Euclides da Cunha, em seu relato *A Margem da História* (1999). A ficção amazônica aos poucos vem envolvendo elementos, até então negligenciado na narrativa literária nacional, constituindo-se como um espaço híbrido, de identidade multifacetadas, de formação multicultural, capaz de transmitir através da ficção as incontáveis facetas do sujeito amazônico.

Sobre a Amazônia, ainda pouco conhecida, ao descreve-la, deixou as seguintes impressões sobre a região, declarou:

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos sem "sacados", cujos istmos a reveses se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até criando formas topográficas novas em que estes dois aspectos se confundem; ou expandindo-se em "furos" que se anastomosam, reticulados e de todo incharacterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é bem uma bacia fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos. (CUNHA, 1999)

O enxerto acima, narrado pelo escritor, coloca o sujeito na condição de intruso, em um espaço ainda pouco explorado e manipulado pelo homem. Nesse espaço, a natureza é imponente, suprema, o

homem vai se moldando ao meio, numa relação íntima de respeito mútuo, afinal, é nesse cenário que o sujeito amazônico vive e constrói sua tese de vivência e relação com o espaço.

A literatura se constitui e constrói sua tessitura nas imagens, memórias e fragmentos que se formam em um corpus, que dentro de um espaço de mimese, dá vida à personagens e lugares capazes de construir um diálogo com o sujeito-leitor, nesse sentido a literariedade dada as narrativas produzidas na região, tem buscado em sua construção mimética, retratar o cotidiano da vida amazônica, em um dado jogo complexo de realismo ficcional, representar através de sua concepção literária o descortinar da vida social do homem da/na maior floresta tropical do planeta, mas que segundo as impressões de Euclides, ainda é um intruso nesse universo pouco conhecido.

## **2 A COMPLEXIDADE DA LITERATURA ESCRITA NA E SOBRE A AMAZÔNIA: VERDADES E MITOS SOBRE A REGIÃO**

Literatura amazônica, literatura da Amazônia, ou literatura sobre a Amazônia? Bem, essa discussão não é nova e provavelmente, não será respondida aqui, mas não podemos deixar de refletir sobre essa situação que há muito tempo preenche os espaços de debates acadêmicos e a crítica nacional, para alguns, esses termos, essas predominações, pode nos empurrar, para beco da marginalidade, literatura brasileira ou literatura amazônica, o que pode ser entendido dentro dessa concepção de literatura? podemos entender a literatura amazônica como uma literatura regional, dada as suas peculiaridades, características singulares, ou podemos hipotetizá-la como literatura brasileira que ainda não conseguiu ocupar seu espaço nos grandes “rolos” da literatura nacional latino-americana, a literatura dos grandes romancistas do cânone brasileiro, dada sua posição geográfica, sua falta de desenvolvimento social?

Uma coisa é certa, a literatura amazônica ainda não ocupou seu lugar, seu espaço no cenário nacional como imaginamos, não sabemos ainda os pecados cometidos, até aqui, mas as interpelações não de continuar.

Para a jornalista e advogada, presidente da academia paraense de letras do estado do Pará, Amarilis Tupiassú (2015, p. 299), há uma complexidade muito grande sobre os escritos na Amazônia, o isolamento social, imposto pelas dificuldades, a pobreza dos povos, o processo de migração mal planejado, a exploração dos recursos naturais de maneira irregular, todos estes elementos geram uma inconcretude no pensamento do escritor amazônida, que tenta, ao escrever, transmitir em sua literatura uma imagem do universo amazônico, leiam:

Como se vê, ao entendimento que se expande do reduto das decisões, Amazônia e paliativo se conjugam. A Amazônia dos excessos há tanto explorada com parques proveitos a si. Obstante uma Amazônia não mítica, povoada por legiões de brasileiros muito pobres e que guarda na

cultura, na fisionomia e na intimidade com os elementos da floresta, a memória viva do índio ancestral, hoje o quase índio ou quase nada, o errante dos lugarejos encravados no íntimo da mata, em margens sem registro em nenhuma carta, nas beiras de rios, igarapés; ontem destribalizado com violência, deculturado, hoje o desgarrado, a pairar num tempo sem calendas, a gente dos entrançados de verdes e águas, caudais do superlativíssimo rio Amazonas. É esta Amazônia da escassez que convive com o el dourado real, de fauna, flora, riqueza, cujas contas do inventário jamais se fechara. (TUPIASSÚ, 2005, p. 299).

Para a pesquisadora, alguma coisa ainda não se encaixou. É impossível, falar em Amazônia sem se formar uma imagem natural panorâmica da região, rios gigantescos, flora exuberante, bichos e gentes vivendo quase em universo espacial, indígenas, brancos, negros, migrantes e caboclos reunidos celebrando “alguma coisa”, de fato, alguma coisa mesmo, porque nestes quinhentos anos de colonização, há pouco ainda para se celebrar na Amazônia.

A verdade é que Amazônia não é só florestas, rios, bichos e estradas empoeiradas que viram lamaçais e se tornam intrafegáveis nos períodos de chuvas, períodos estes, que não são pequenos, para quem não está familiarizado, ainda com a região, entenda bem, só há duas estações no ano, o período das chuvas torrenciais, de cinco a seis meses, e o restante do ano com menos chuva e bastante sol.

Na Amazônia, se desenvolveram grandes metrópoles, onde o desenvolvimento parece ter atingido objetivo, Belém, que se acentua como a capital da Amazônia, Manaus, impulsionada pelo desenvolvimento econômico da Zona Franca de Manaus, Boa vista e Palmas, esta última, a mais nova das metrópoles regionais, que já não traz os mesmos predicados étnicos e culturais dos grandes centros urbanos citados anteriormente, mais por questões geoeconômicas, também faz parte da região.

Contudo, a violência e uma constante na região, a disputa por terras, a grilagem e a luta pela conquista da terra própria, tem banhado o chão amazônico de sangue, assim como as disputas de terras entre indígenas e fazendeiros, tem voltado a ser motivo de notícias recentes no cenário midiático nacional, a exploração ilegal da madeira e dos minérios preciosos, continua ocupando boa parte das crônicas jornalísticas, uma demanda que parece não ter fim, ou não é de interesse em um ter fim.

Prostituição infantil, garimpos ilegais, exploração do trabalho infantil, homens e mulheres, famílias inteiras, comunidades abandonadas a própria sorte, nas longínquas ilhas no meio da floresta tropical, longe de tudo e todos, somete a natureza como protetora, a mesma natureza que acolhe, é também a mesma que devora, muitas vezes assolados por terríveis febres tropicais, naufrágios e ataques de animais selvagens.

Assim se conduz a vida do homem da Amazônia, um paradoxo universal de contrastes entre céu e inferno, cenário perfeito para os romances que tem sido produzido nos dois últimos séculos de literatura amazônica, literatizar a problemática da vida social na Amazônia. Podemos dizer que estes tem sido a “mimese” e o “muthos” da produção literária amazônica.

## 2.1 TEIAS E TRAMAS NA LITERATURA AMAZÔNICAS: VOZES, SONS E IMAGENS

Quando mencionamos sobre a complexidade e os caminhos da literatura escrita na/da Amazônia, imaginamos uma literatura carregada de pressupostos sobre a região, marcada pelos diferentes olhares sobre tudo isso, o que pode ter gerado uma busca constante pela construção de uma identidade que representasse a literatura de tal modo a ser chamada de literatura amazônica. A polifonia de vozes imbricadas nos romances escritos nos dois últimos séculos, por escritores da região, tem demonstrado o quanto os elementos regionais estão presentes nesta literatura, mas isso não os torna mais ou menos regional, ou menos nacional. Para um dos escritores que mais tem participado dessa discussão, o elemento norteador dessa questão, está justamente, em como o escritor vai escolher o narrador, e este, para descortinar tais rudimentos da região através das suas personagens. Sobre essa hipótese, a de se discutir literatura regional, literatura amazônica ou quaisquer outras denominações, Marcio Souza, escreve:

E, por favor, não levem muito a sério esse negócio de literatura amazônica, como também não levem nada a sério essa história de regionalismo. Uma literatura amazônica parece ser algo tão improvável quanto uma literatura regionalista. (SOUZA, 2104, p. 21).

O objetivo pontual aqui, não é discutir se a literatura escrita na e sobre a Amazônia deve receber esta ou aquela denominação, mas dialogarmos sobre as diretrizes de como vem se desenrolando essa trama sobre a literatura escrita na região, Marcio Souza (SOUZA, 2014, p. 29 ), faz um alerta sobre tais codificações. “O que precisamos é fugir do risco de nos deixarmos capturar em guetos, onde que os parâmetros de recepção de nossas obras não são de excelência literária, mas fruto da condescendência porque somos pobres e moramos longe”. o fato da literatura produzida aqui, não ter alcançado ainda, seu lugar de destaque no cânone nacional, salvo por alguns escritores, como o paraense Inglês de Souza, O amazonense Milton Hatoum, e alguns poucos outros, não se deve ao fato de se prender a ideia de que temos uma literatura regionalista, com traços peculiares da região, para ele, a questão vai muito além disso, enfatiza o autor:

No caso da literatura, ela não pode mais ser encarada como capital social e como subproduto da vaidade individual. Literatura tem de ser feita para ser lida, o escritor tem que estabelecer um compromisso com os leitores, porque não existe literatura sem leitores. O resto é aventura de linguagem, que eventualmente pode servir de matéria para alguma tese universitária, mas será descartável e perecível. (SOUZA, 2014, p. 29).

Talvez essa seja parte de uma resposta que buscamos, ou talvez só aguace mais nossa curiosidade sobre o que tem ocorrido todos esses anos com a literatura escrita na região, quem sabe a produção literária não tenha conquistado ainda seu leitor, embora o romance amazônico, ou o romance escrito

na Amazônia, como preferir chamar, tenha tido um papel preponderantemente destacável no último século. Souza deduz:

Se o nosso passado é rarefeito e nossas tradições pouco consistentes, temos a força de superação. A Amazônia já deu sinais de que pode produzir autores de qualidade e com projeção nacional e internacional, o que precisa ser feito agora é a construção de uma real opção para os artistas da região (SOUZA, 2014 p.30).

Márcio Souza nos faz lembrar que a literatura da Amazônia já deu sinais de que pode produzir grandes obras literárias, sem se dar “ao luxo” de se preocupar com codificações e denominações. A exemplo, temos saga do escritor paraense, Dalcídio Jurandir, quando escreveu “O Ciclo do meio Norte”, uma coleção incrível de romances, premiados pela crítica nacional, na segunda metade do século XX, sobre o, autor, Amarílis Tupiassú escreveu:

Passou mais de dez anos reescrevendo uma obra-prima, seu romance Choves nos campos de Cachoeira. Dominou todos os registros da língua portuguesa. Diz-se que é impossível conhecer a fundo a Amazônia sem o mergulho na Amazônia construída em seus livros. Acreditem: a Amazônia paupérrima, a dos medos e danações, em contraste com uma outra, a dos excessos e ostentação dos ricos se evola em poesia para os seus romances. Não acumulou riqueza alguma, vaidade alguma acalentou na vida, apesar de seus romances premiados pela crítica nacional. Dedicou o refino de seu discurso à lavra de onze romances, dez deles compoendo a saga do extremo norte. (TUPIASSÚ, 2005 p.53).

Embora, Dalcídio tenha conquistado seu espaço no cenário da literatura nacional, o mesmo não ocorreu com a literatura paraense no geral, como já citei anteriormente, destaque para Inglês de Souza que se tornou o principal representante do Naturalismo no Brasil, assim, como o manauara Milton Hatoum, que ganhou destaque no panorama nacional e internacional, com os romances Dois Irmãos e Cinzas do Norte, que trazem cenas do dia a dia da vida na Amazônia, contada por uma vertente universal, isso fez de Hatoum um dos escritores bastante lido e discutido nas academias, nas últimas décadas, objeto milhares de teses e dissertações. Desta forma, podemos corroborar com ideia assertada pelo professor José Guilherme dos santos Fernandes (2014), quando escreveu em seu artigo, intitulado” Literatura brasileira de expressão Amazônica, literatura da Amazônia ou Literatura amazônica?”, leiam:

[...] precisamos encontrar o “entre-lugar”, e digo, encontrar a “entremeagem” de nosso discurso, no jogo fluente que parta da universalidade colonizadora e etnocêntrica para a verdade da universalidade diferencial. O ponto de partida e de chegada, nessa questão, é encontrar o “ponto do doce”, lugar em que se agudizam nossas dificuldades epistemológicas em caracterizar a literatura produzida na e para a Amazônia como sendo portadora ou de uma expressão mais local ou de uma expressão mais universal. Minha hipótese é que o caráter nacional ou regional da produção amazônica, ou amazônida, menos uma questão conceitual e mais um exercício metodológico, por mais que entre teoria e prática a distância seja a mesma, e minha orientação seja da filosofia da práxis, (FERNANDES, 2014, p. 112).

Ao que parece, Hatoum encontrou o ponto nevrálgico ou, podemos dizer na linguagem popular, o “pote de doce”, no final do arco-íris, como narram os contadores de contos, ou “causos”, o escritor de Dois irmãos e Cinzas do norte, entre outros, conseguiu reunir elementos, suficientes em suas obras de maneira que abarcasse a complexidade da literatura amazônica, tornando assim, sua produção literária, uma literatura que parte do local para o universal, narrando assim, os dramas familiares, as intrigas entre irmãos, a migração e exploração da mão de obra barata, e os problemas urbanos da maior cidade da região amazônica, Manaus, assim também, não deixou de fora, a dramaticidade da vida interiorana, nas infinidades de ilhas espalhadas pela bacia do Rio Amazonas, a exploração sexual de menores e a prostituição infantil, são partes da composição romanesca do autor, numa espécie de denúncia de situação vivida pelo povo amazônida, onde ficção e realidade parecem se fundir. O que José Guilherme aponta, sobre a literatura escrita na região, tem força na fala de SANTIAGO (1982), vejamos:

A universalidade ou bem é um jogo do colonizador, em que se consegue pouco a pouco a uniformização ocidental do mundo, a sua totalização, através da imposição da história europeia como História universal, ou bem é um jogo diferencial em que as culturas, mesmo as em situação econômica inferior, se exercitam dentro de um espaço maior, para que se acentuem os choques das ações de dominação e as reações dos dominados (SANTIAGO, 1982, p. 23-24).

Se for um jogo, parece que esse jogo ainda está muito longe de mudar, ou a literatura precisaria ganhar novos ares de conceitualização, mesmo com o advento da Pós-Modernidade, “o astuciar” ainda continua valendo, regiões mais distantes, mais pobres e menos desenvolvidas, tendem a serem reduzidas a uma literatura menor, sem grandes expressividades, comprimidas a discussões acadêmicas, objetos de estudos de teses e dissertações, caindo no vale do esquecimento pouco tempo depois, ainda não podemos dizer, de fato, o que faz um texto ganhar maior ou menor projeção literária, dado as circunstâncias de sua produção, bons escritores e poucos leitores, maus escritores e leitores exigentes, bons escritores e maus narradores, enfim, essa é uma discussão para se dedicar anos de pesquisa e estudos, mas não podemos fechar os olhos e fingir que está tudo bem, que tudo isso é normal, a discussão entre o local e o universal, precisa ser retomada e melhor esclarecida, quando se trata da Amazônia, uma região que sempre esteve no topo das discussões geopolíticas, precisa ter uma literatura de destaque que represente não só suas dimensões socioculturais, definidas por questões identitárias, mas que de fato, possa representar sua magnitude de pluralidade cultural, afrodescendentes, indígenas, brancos, imigrantes, povos de todas as culturas compõem esse cenário interracial, aporte mais que suficiente para a mimese de uma construção literária capaz de concentrar todos os elementos da narrativa, no interesse de fazer uma literatura para ser lida, pois como disse

Marcio Souza (2014) “[...] literatura precisa ser feita para ser lida... porque não existe literatura sem leitores”. Portanto, precisamos continuar a discutir a Amazônia, suas tramas e complexas cadeias de entrelaçamentos que com a região, cada vez mais se acentue no palco das dialogias contemporâneas.

### **3 A LITERATURA AMAZÔNICA: AS APORIAS DO TEMPO E OS RESQUÍCIOS DE UMA AMAZÔNIA DERRUÍDA**

Os personagens da literatura escrita na Amazônia ou por escritores da Amazônia, estão sempre em trânsito, perseguidos pela inquietude, pelo medo e pelo desassossego, são debelados a condição humana, sobressaltados pelo peso do retraimento, diante da gigantesca força da natureza que é a floresta, o que os torna muitas vezes, parte dela, outras, absolutamente insignificante junto a mesma. Personagens deslocados, parece ser uma constante, uma marca, assim podemos dizer, na literatura escrita na Amazônia, personagens sem identidade social, sem rosto, sem nome, resquícios de uma Amazônia colonial “... o que sobrou da vassalagem dos antigos descimentos, hoje ainda um pesadelo em processo, não só lance da memória que dói” TUPIASSÚ (2005).

Podemos facilmente identificar isto em Hatoum, Dalcídio Jurandir, Haroldo Maranhão, nos contos de Maria Lucia Medeiros e até mesmo na poesia de Élson Farias. Talvez por forte influência naturalista ou mesmo realista, seus personagens carregam em si, os traços mais conturbadores do lado obscuro da região, medo, isolamento, falta de identidade social, uma busca pelo lugar incerto, talvez a busca por encontrar a si mesmo.

A esse deslocamento, podemos entender como a busca pela sobrevivência, mas podemos entender também, essa busca enquanto alguém que procura o pertencimento, a configuração de uma identidade, uma vez que quase sempre essa personagem encontra-se deslocado, fora da sua zona de identificação, o drama de povos indígenas dizimados, o emigrante que se vê longe de sua terra natal, o distanciamento da família, esses paradigmas torna o sujeito amazônico distante de sua dignidade, o torna deculturado, seu saber esfacelado, destribalizado, em muitas das vezes, reduzido ao pejorativo. Podemos entender a necessidade pertencimento como algo da natureza humana, independente de quaisquer outros caracteres, para o professor pesquisador Dionei Mathias (2023), trata-se de um anseio para se identificar como sujeito na esfera do discurso, na condição humana.

A necessidade de pertencimento, contudo, não se restringe a grupos minoritários ou excluídos do direito de participação. Trata-se de um anseio que parece caracterizar a condição humana, tendo seu início na relação entre mãe e bebê e que se repete infinitamente nas diferentes modalidades de interação, tecidas ao longo do percurso existencial, sob diversas máscaras. Nessa busca, há um constante anseio pela confirmação do afeto irradiado pela figura materna. Essa confirmação do si transmitida através da semiótica do corpo, na primeira fase da vida, fornece ao ser confiança e ordem, diante da complexidade inerente à realidade do mundo. A busca se repete, mas a disposição para investimento de afetividade por parte de atores sociais

que circundam o indivíduo muda. Com efeito, o escopo desse investimento vai depender de uma série de fatores que, se não atendidos, tendem a desencadear a exclusão e, com isso, a negação desse recurso existencial mor que é o pertencimento. (MATHIAS, p. 3, 2023).

Parece reforçar nossa compreensão, num dado jogo discursivo de polifonia de vozes, vozes múltiplas ou paralelas, que se entrecruzam nos romances e narrativas que retratam a vida social na Amazônia, o fluxo de personagens em trânsito, pode ser acentuada pela necessidade da busca pelo pertencimento, algo inerente ao ser humano, como vimos na hipótese apontada Por Dionei Mathias, na citação anterior. No caso de Hatoum, essa busca pelo pertencimento, se dá muito forte em *Dois Irmãos*, a guerra familiar entre os irmãos (gêmeos) Yaqub e Omar, traduz uma cena de enorme angústia, vontade descontrolada de encontrar seu lugar no seio da família, de ser amado, respeitado na sociedade manauara, a disputa por uma garota, tudo isso desencadeia uma série de decorrências que provoca a tragédia, o assassinato do irmão.

A sensação de pertencer raramente se torna objeto de problematização, enquanto o indivíduo não experimenta sua negação. Pertencimento se transforma em conteúdo da percepção, no momento que o sujeito se questiona pelos motivos que desencadeiam rejeição ou exclusão, de forma contínua. (MATHIAS, 2023)

Aqui a ideia de pertencimento se torna mais perceptível, e se compactua com as ondulações e com uma Amazonia que os afligem, falo das personagens dos escritores amazônida, que mais parecem refletir o pensamento transcultural do escritor da pós-modernidade escrevendo sobre seu universo, em que seus personagens se inserem na esfera do referencial histórico, mas também como agente do enredo na esfera da alocação constituinte da trama. Embora a discussão aqui, não seja voltada exclusivamente, para essas questões, mas não poderíamos deixar de abordá-las para tentarmos compreender um pouco mais sobre a literatura escrita sobre e na Amazônia.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **4.1 LITERATURA, IDENTIDADE, HIBRIDISMO E PÓS-COLONIALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA AMAZÔNICA**

Para um debate mais acentuado acerca do assunto, precisamos aprofundar mais nas teorias que abarcam os Estudos literários, Comparados e Pós colonialistas para entendermos de como a literatura na região amazônica tem mudado o foco no jeito de narrar as aporias do tempo, da vida individual e coletiva na Amazônia, numa sociedade em que por séculos prevaleceu o olhar do colonizador, ou seja arte e a literatura observadas pela vertente da europeização, pelo olhar externo. Aos poucos os olhares sobre a região, vem se reformulando, mesmo que lentamente, mas não deixa de ser um avanço significativo. Discutir hibridismo, identidade e diversidade cultural na literatura produzida na

Amazônia precisa levar em consideração os grandes debates produzidos no século XX na América Latina, os processos de migração ocorridos no continente, para compreendermos o espaço amazônico como um espaço híbrido, precisamos primeiramente compreender a Amazônia como um novo olhar, sair do olhar tradicional, do exótico e passar a percebê-la como um local discursivo de negociação, o local onde as culturas se encontram, e se misturam e se reinventam.

A caracterização de identidade, se corrobora pela similaridade de elementos, costumes e tradições que se unem por traços identitários, ou seja, grupos ou indivíduos que possuem determinadas singularidades, que juntos formam o todo, para (HALL, 2005), pensar na identidade é pensar no trânsito, na relação com a diferença, identificar o outro, identificar a si mesmo, desse modo, ele compreende como “uma celebração móvel”. consoante a este pensamento, está o do teórico Homi K. Bhabha (1998), que entende que, pensar identidade é pensar nas fissuras, na negociação com o outro, nesse sentido vai se construindo, na fronteira, os processos identitários, o que passam a chamar de hibridização, onde as trocas acontecem, as diferenças culturais passam a ser negociadas em processo um de intercâmbio cultural, o local e o externo se misturam e produzem novos símbolos, já numa nova definição discursiva. Para Tadeu Tomás da Silva identidade e diferenças “são determinadas pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição (SILVA, 2008, p.78). Nesse contexto, entendemos que identidade e diferença não estão ligadas a natureza, mas a questões de elementos culturais e simbólicos que a sociedade produz, então, identidade e diferença deve ser pensada numa relação social.

A reflexão aqui apresentada, busca discutir questões de identidade e hibridismo na literatura brasileira amazônica ou literatura amazônica, ou ainda, literatura da Amazônia como muitos preferem chamar. O conceito de hibridismo na literatura produzida na Amazônia chama a atenção para as vozes que se alternam na literatura produzida aqui, para os pesquisadores, Gilson Penalva e Liane Schneider (2018), não veem o conceito de hibridismo como conotação negativa, ao contrário, o veem como um rompimento com a ideia de cultura homogênea:

Outro conceito a que recorremos no processo de discussão das identidades culturais na Amazônia é o hibridismo. Na perspectiva dessa pesquisa, esse conceito não possui nenhuma conotação negativa, mas apresenta-se como uma estratégia de ruptura com parâmetros de pureza no campo cultural. Hibridismo está sendo aqui compreendido como uma forma de conhecimento propício para entender as inúmeras questões que envolvem diálogos e trocas culturais que se processam na Amazônia desde os tempos de sua colonização até a contemporaneidade e que interferem nos processos de construção de suas identidades culturais. (PENALVA & SCHNEIDER, p.22, 2018).

Essa compreensão sobre as diferenças culturais, desconstrói o pensamento colonialista de supremacia cultural, de só era cultura aquilo que vinha de fora, a negação da cultura local fez com que

anos de atraso caísse sobre a região, as diversas produções do século passado sempre ficaram no olhar de fora sobre Amazônia, o olhar exótico, maravilhado que deu origem a diversas produções, mas que pouco contribuíram para mostrar de fato a realidade da vida social ali. O crítico Silviano Santiago (2000, p. 16) há tempos, vem chamando a atenção para a necessidade de artistas, escritores e intelectuais, se contrapor ao pensamento do colonialista, de que a América Latina só tem de cultura aquilo que foi oferecida pelo europeu. A hipótese, se constitui em discutir a literatura amazônica por uma ótica da teoria e crítica Pós colonialista que leve em conta as travessias, os encontros, e desencontros de povos, todas as vozes, onde acontece a formação da identidade, que (SANTIAGO, 2000) chama de entre-lugar.

A noção de identidade deve ser compreendida, nessa premissa, como algo não fixo e homogêneo, mas algo que construído na inconcretude, na incoerência, nas fendas de duas ou mais culturas, nos espaços móveis, como por exemplo, na periferia e centro, vila e urbano, o que pode ser muito bem observado nos romances de Dalcídio Jurandir, e de Milton Hatoum, esses encontros interessantes e fundamentais para se discutir conceitos de cultura homogêneas ou a vaga impressão existencial delas. A diversidade de personagens e a polifonia de vozes, na literatura amazônica nos chama a atenção e traz para o debate a verdade de que nada é fechado e acabado, que as culturas estão sempre se chocando e se encontrando. Nesse grande debate intercultural, Pós colonialista, a Amazônia tem sido vista como o local de enunciação das vozes emergentes, o local onde as culturas se encontram e se misturam.

A ideia que se constrói aqui, não é de uma cultura suprimir um discurso em função da outra, mas sim de se tornar o lugar de trocas culturais, de negociação; migrantes, imigrantes, colonizadores, índios e povos da floresta, dividem esse espaço e tem feito dele esse lugar de trocas culturais com diferentes culturas nacionais e mundiais. O ponto da discussão aqui é, a literatura amazônica que foge do olhar tradicional, da ótica colonizadora, em que o foco da narração se dá pela vertente do mundo europeu- a gênese aqui consiste em problematizar o lugar dessa literatura na construção da identidade amazônica- e desta forma, fugir dos modelos convencionais na formação do novo imaginário da Amazônia. Uma discussão ampla que deverá percorrer um longo caminho nos próximos anos.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras, UFPB. João Pessoa, v. 6, n. 2/1, 2004, p. 111-116.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MATHIAS, Dionei. Pertencimento: Discussão teórica. Revista, ALEA- Estudos Neo Latinos, Rio de Janeiro, RJ, volume, 25 (1), publicado em: janeiro-abril/2023, DOI: 10.1590/1517-106x/202325110. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>, 2023, p. 166-187.

PENALVA, Gilson, SCHNEIDER, Liane. Identidade e hibridismo na Amazônia brasileira: um estudo comparativo de Dois Irmãos e Cinzas do norte, de Milton Hatoum. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Rio de Janeiro, n. 21, 2012 p. 11-50. SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: Uma literatura nos trópicos. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, Identidade e a Cultura de fronteira. Tempo Social; Ver. Social USP, São Paulo, (1-2), 1993, p. 31-52.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOUZA, Márcio. História da Amazônia. 1ª edição. São Paulo. Editora Record, 2019.

TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. Estudos avançados, Belém, v. 19, n. 53 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100019>. 2005. p. 299-320.